

# CONVERSAÇÕES COM ADOLESCENTES NA ESCOLA: *BULLYING* OU MAL ESTAR NAS RELAÇÕES?

Conversações com  
adolescentes na  
escola: *bullying* ou mal  
estar nas relações?

Luciana Coutinho<sup>1</sup>  
Bruna Osorio<sup>2</sup>

## Resumo

O presente artigo é fruto de uma pesquisa sobre a adolescência e o laço social, mais especificamente, sobre os adolescentes e o laço educativo nos contextos contemporâneos. Nosso trabalho de campo foi orientado pelo método da pesquisa-intervenção, no qual realizamos grupos de conversação com alunos e professores de uma escola da rede pública situada no município de Niterói. Neste artigo, centramos nossa análise no material proveniente dos grupos de conversação com adolescentes do 8º e 9º ano, refletindo sobre os laços sociais estabelecidos no universo escolar, levando em conta questões pertinentes ao contexto sociocultural mais amplo. A presença da violência e da intimidação constante nas relações entre os alunos, bem como entre alunos e professores, nos leva a questionar o conceito de “bullying”, tal como vem sendo eminentemente propagado no campo acadêmico e midiático. Em contraposição, trazemos para essa discussão, sustentada no âmbito de um diálogo das ciências sociais com a psicanálise, o enfraquecimento da palavra e dos pactos nas relações sociais contemporâneas, o que se reflete em relações sociais sempre tensas e em diversas manifestações de violência nas escolas.

**Palavras-chave:** Adolescentes; Escola; *Bullying*.

<sup>1</sup> **Luciana Gageiro Coutinho** é doutora em Psicologia (Psicologia Clínica).

**E-mail:** lugageiro@uol.com.br

<sup>2</sup> **Bruna Osorio de Oliveira** é graduada em psicologia na Universidade Federal Fluminense, bolsista de iniciação científica 2010/2012.

**E-mail:** bru.osorio@hotmail.com

---

## Abstract

This article is the result of a research about adolescence and social bond, more specifically about teens and bond educative in contemporary contexts. Our field work was guided by the method of research-intervention, in which we conducted conversation groups with students and teachers at a public school located in Niterói. In this article, we focus our analysis on material from conversation groups with adolescents in the 8th and 9th grade, reflecting on the social bonds established in the school environment, taking into account issues pertinent to the broader sociocultural context. The presence of constant violence and intimidation in relationships among students and between students and teachers, leads us to question the concept of "bullying", as it has been eminently propagated in academic field and in the media. In contrast, we bring to this discussion, sustained in the dialogue between social sciences and psychoanalysis, the weakening of the word and pacts in contemporary social relations, as reflected in always strained social relations and various forms of violence in schools

**Keywords:** Adolescents; School; *Bullying*.

# CONVERSAÇÕES COM ADOLESCENTES NA ESCOLA: *BULLYING* OU MAL ESTAR NAS RELAÇÕES?

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho é fruto de uma pesquisa sobre a adolescência e o laço social que sustenta o ato educativo nos contextos contemporâneos. O projeto pesquisa *Adolescência, educação e inclusão social*<sup>B</sup> teve como objetivo contribuir para a reflexão e a ação no enfrentamento das dificuldades vividas por educadores e jovens no que diz respeito à instituição escolar e às relações que nela se instauram. Vinculou-se ao projeto de extensão *Fala Sério: interações e conversações com jovens na escola*<sup>A</sup>, por meio do qual as questões teóricas da pesquisa são levadas para o campo.

Nos últimos anos, temos nos dedicado a investigar a relação do jovem com a escola no contemporâneo. Temos constatado que as condições sociais que sustentam a prática educativa têm sofrido grandes transformações nas últimas décadas, trazendo questões tanto para os que ocupam o lugar de educadores quanto para aqueles que são educados. Segundo Abramo e Branco (2005) e Amaral (2006) muitas interrogações e investigações têm sido feitas acerca desse assunto, nas quais ressaltamos primeiramente o desinteresse e a falta de perspectivas dos jovens brasileiros, assim como também os ataques feitos por eles próprios à instituição educativa.

<sup>3</sup> Projeto desenvolvido na Universidade Federal Fluminense entre os anos de 2009 e 2012, coordenado pela Professora Luciana Gageiro Coutinho.

<sup>4</sup> Projeto realizado na Universidade Federal Fluminense entre 2010 e 2012, coordenado pelas Professoras Luciana Gageiro Coutinho e Marília Etienne Arreguy.

Paralelamente, entendemos que o encontro do adolescente com a escola - e com a cultura de modo geral - tem uma participação importante no trabalho psíquico da adolescência, oferecendo material simbólico para as novas construções subjetivas que então devem se dar, segundo Alberti (2004), Coutinho (2009) e Mello (2004). Vemos também que o encontro do adolescente com a Educação e com a escola envolve bem mais do que a aquisição do conhecimento, possibilitando o estabelecimento de laços sociais e afetivos, e também a ampliação de horizontes culturais e humanos que o constituem enquanto sujeito. Quanto a isso, o depoimento do próprio Freud a respeito de sua experiência como jovem na escola, no artigo “Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar” ([1914]1974), revela o valor inestimável das relações com os professores e com os outros alunos, segundo ele, em grande parte responsáveis por quem se tornou no futuro. De fato, partimos do pressuposto que o laço do adolescente à escola assim com as diversas experiências vividas na escola tomam parte no trabalho psíquico da adolescência, tal como é concebido em psicanálise. Assim, supomos que tanto o saber quanto as experiências na escola têm valor de oferta de significantes, de referências simbólicas, para que os sujeitos adolescentes possam se apropriar na construção de um discurso próprio e de um modo de fazer laço social.

Vale lembrar aqui que na psicanálise o sujeito se constitui a partir de um investimento e de um discurso, prévios ao seu nascimento, que são depositados pelo Outro sobre ele. O sujeito nasce ao produzir uma resposta a isso. A ideia de transmissão em educação caminha na mesma direção desse processo inaugural do nascimento do sujeito, do qual participa sempre o Outro educador, com sua fantasia inconsciente e seu modo singular de desejar, que pode, inclusive, ignorar ou favorecer a presença do desejo também no aluno. Como nos lembra Kupfer (1995), a psicanálise aposta que a transmissão e a apropriação de um saber são sempre marcadas pela presença de um sujeito desejante, tanto daquele que transmite, quanto

daquele que recebe e transforma o que recebeu. É nesse sentido que Freud interpreta a frase de Goethe: “aquilo que herdaste de teus pais, conquista-o para fazê-lo teu” (KUPFER, 1995:17). A educação comporta assim um movimento duplo: o encontro do sujeito com a cultura que lhe antecede e o processo de apropriar-se dela para encontrar nela um lugar para si.

Dito isso, o presente artigo visa discutir, a partir da análise do trabalho de campo realizado com adolescentes na escola, a incidência da escola na subjetivação adolescente, levando em conta as questões pertinentes ao contexto sociocultural em que ambos estão inseridos. Em nossa pesquisa de campo, inspirada no método da pesquisa-intervenção (CASTRO; BESSETT, 2008), buscamos instaurar espaços de fala com alunos e professores para observar as relações dos jovens com/na escola. A partir dos resultados preliminares do campo, somos levados a focar nossa discussão na questão dos limites da palavra nas relações sociais hoje, com incidência específica nas relações entre os adolescentes na escola. Portanto, entendendo que a educação e a subjetivação humanas se dão numa dimensão de linguagem, sustentando-nos na perspectiva da psicanálise, neste trabalho gostaríamos de interrogar sobre o estatuto da palavra nas práticas educativas atuais, com consequências importantes para o trabalho do laço social na adolescência. Essa discussão também nos leva a pensar sobre os efeitos da fragilização da dimensão simbólica no laço educativo, que parece se apresentar sob a forma de mal-estar na escolarização e diversas manifestações de violência envolvendo adolescentes nas escolas.

## MÉTODO E AMOSTRA

O método utilizado foi o da pesquisa-intervenção aliada à conversação tal como concebida pela psicanálise. Partimos do suposto básico de que os sujeitos sobre os quais nos debruçamos (crianças, adolescentes, pais, professores) não podem estar excluídos do processo de produção de um saber sobre eles mesmos. Como observa Castro (2008), a

pesquisa-intervenção parte da premissa básica de que os sujeitos se constituem no âmbito das práticas de significação, sempre numa situação partilhada com outros, sejam adultos ou outras crianças. Nesse sentido, a palavra ou qualquer ação do pesquisador vai se realizar na interlocução continuada com os sujeitos através da construção de sentidos para as situações vividas. Assim, o sujeito é efetivamente constituído ao longo do processo de pesquisa por meio da interlocução com outros que também se incluem na forma como essa experiência se produz. Dessa forma, a pesquisa-intervenção revela um modo de fazer pesquisa fecundo na sua articulação entre o que se investiga e como se investiga. No caso das pesquisas no âmbito da infância e adolescência, passamos de uma posição de pesquisar as crianças e os adolescentes para a posição de fazer pesquisa com eles, colocando em questão a própria relação (assimétrica) entre o pesquisador e os seus objetos de investigação. Por isso mesmo, este método tem sido bastante valorizado no que diz respeito às pesquisas com esses sujeitos crianças e jovens (CASTRO; 2008).

Paralelamente, partimos dos pressupostos da psicanálise, campo em que pesquisa e clínica caminham sempre juntas, de modo que destacamos a fala como instrumento indispensável à abertura de um espaço para o sujeito dentro da escola. Sendo assim, a “conversação” é o recurso proposto para a realização da pesquisa-intervenção a ser apresentada aqui, que tem em sua referência teórica uma proposta de interlocução entre psicanálise e educação. A “conversação” é um dispositivo introduzido por Miller (2003) visando promover espaços de conversa e debate em torno de situações de impasse vividas pelos que dela participam. Segundo Miller (2003) a associação livre pode ser coletivizada na medida em que não somos donos dos significantes, o que importa é que um significante chame outro significante. Assim, vários sujeitos podem participar, produzindo o que ele chama uma “associação livre coletivizada”, da qual se espera um efeito. A proposta da conversação é permitir que cada sujeito envolvido na situação

possa tomar a palavra e agir, inspirado pelos significantes dos outros, saindo de uma posição passiva, repetitiva e paralisante.

De acordo com Lacadée (2000), Gatti (2005), Gavarini (2009) e Santiago (2008) a experiência da “conversação” em escolas tem revelado que a oferta de “um espaço onde se pode falar” produz a circulação da palavra e, com isto, a possibilidade de desnaturalização de preconceitos, flexibilização de identificações permitindo uma transformação do mal estar paralisante em saídas produtivas (LAURENT, 2004). O trabalho de Gavarini (2009), particularmente, apresenta uma proposta semelhante a nossa realizada no contexto escolar da periferia parisiense. Utiliza a conversação com grupos de adolescentes com a intenção de fazer circular a palavra entre eles e com outros profissionais da escola, na perspectiva de tentar resgatar a dimensão do simbólico e dos pactos sociais. Sua proposta é pautada na ideia de se criar um espaço de palavra coletivo, onde os alunos podem (se) falar sem se preocupar em serem julgados tanto pelos adultos como pela instituição. Assim, segundo a autora, o laço social pode ser favorecido, sustentando a palavra de cada um. Entretanto, o trabalho foi permeado por grandes impasses e dificuldades que, em alguma medida, se aproximam dos encontrados na nossa realidade brasileira.

Em nossa proposta de pesquisa-intervenção, utilizamos fotos de situações escolares, frases/palavras emitidas por seus pares colhidas na escola ou fragmentos de músicas/cenas construídas por eles e pedíamos que eles falassem sobre como é estar na escola, o que pensam, o que sentem, tentando promover o diálogo entre eles e conosco de forma mais informal possível. Assim, nós não estávamos lá como professores, nem com a intenção de julgá-los, esperávamos acima de tudo, que eles falassem livremente, podendo sustentar suas palavras e responsabilizar-se por elas.

Os grupos de conversação foram realizados com adolescentes do 8º e 9º ano do ensino fundamental de uma escola da rede pública situada no município de Niterói, Rio

de Janeiro. Foram realizados quatro grupos, com encontros semanais de uma hora e meia de duração, durante quatro semanas. Cada grupo era composto por em média 15 alunos, meninos e meninas, com idade entre 13 e 15 anos aproximadamente, sendo coordenado pela pesquisadora responsável pelo projeto e dois bolsistas de iniciação científica. A proposta de trabalho apresentada aos adolescentes foi a de termos alguns encontros para conversar e refletir sobre a relação deles com a escola que pudesse ser proveitoso tanto para a nossa pesquisa quanto para eles próprios e para aqueles que atuam junto a eles. Isso poderia ser feito através de conversas, brincadeiras, dinâmicas e atividades com fotos ou músicas, a partir do andamento dos encontros. Cada novo encontro era planejado a partir do desenrolar do trabalho no encontro anterior.

Todas as atividades realizadas no campo foram registrados através de gravações e/ou relatórios de campo. Para a análise qualitativa desse material, utilizamos a criação de categorias a partir das narrativas produzidas pelos alunos em nossos encontros (BARDIN, 1988). O tratamento dos dados para a divulgação dos resultados da pesquisa neste artigo terá caráter qualitativo, estabelecendo um diálogo com a literatura que interessa às questões emergentes do campo.

## DESCRIÇÃO DO CAMPO

Iniciamos nosso trabalho de campo realizando observações participantes com as turmas de 8º e 9º ano, em um horário semanal de atividades extra curriculares que a assistente social da escola fazia com aquelas turmas. Desde que iniciamos as observações, que duraram cerca de quatro semanas, eles nos pediam para que iniciássemos logo nosso trabalho com eles para que não tivessem mais aquela “aula chata”. Trabalhamos ao longo de quatro semanas com as turmas do 8º e 9º ano, nas quais ficávamos com metade de cada turma (mais ou menos 15 alunos) a cada vez. No total trabalhamos com quatro grupos (grupos 1 e 2 do 8º ano e



grupos 3 e 4 do 9º ano) e tivemos dois encontros com cada um.

Em comum acordo com a assistente social, realizando nossas atividades no mesmo horário e espaço utilizado por ela. Começamos nos apresentando e apresentando a proposta da pesquisa, ou seja, conversarmos sobre como é a relação deles na escola, com os professores, com os colegas. No primeiro encontro com cada um dos grupos, colocamos para eles algumas palavras, que recolhemos da fala deles próprios nas observações anteriores: adolescência, briga, diferente, ditadura, cabeção, sexo, aula, funk, professor, sozinha. Inicialmente tivemos a intenção de suscitar associações e promover a fala deles sobre cada uma das palavras. Pedimos então, em seguida, que eles montassem uma estória com essas palavras. Para que todos participassem, sugerimos fazer uma estória conjunta, na qual um aluno começaria escolhendo sua palavra e seguiria assim por diante.

No grupo 1, os alunos se apresentaram a nós dizendo que a relação entre eles era muito boa, mas logo apontaram, de uma maneira bem hostil, uma menina como sendo “a chata” da sala. Usavam o termo *bullying* muitas vezes, e quase sempre em tom de brincadeira: “Olha o *bullying*!”. Neste grupo, alguns alunos inicialmente não quiseram participar da dinâmica proposta por nós, e assim se posicionaram quando chegava sua vez de falar. Mas todos acabaram falando um pouco, às vezes, sendo ajudados pelos outros colegas. No final, a estória era mais ou menos assim: “Uma menina, que estava na adolescência, tinha um namorado cabeção. Ela gostava muito de dançar funk, mas o namorado não gostava, então eles tiveram uma briga e ela ficou se sentindo muito sozinha...”

No grupo 2, também foi proposta a mesma atividade, com as mesmas palavras. A primeira reação deles foi de dizer que elas não tinham nada a ver com eles. Diziam que, que ao invés dessas palavras, deveríamos ter colocado alguns xingamentos e outras palavras que, para eles, teriam mais a ver com a turma. Novamente apareceu a questão da menina

que é agredida por todos e que, segundo eles, agride a todos nesta turma (8º ano). Além disso, eles falaram um pouco de como não gostam da escola. Demonstraram uma enorme dificuldade em ouvir o outro falar, falando todos juntos. Uma aluna sugeriu que fizéssemos a brincadeira do telefone sem fio, assim alguém começaria dizendo uma palavra no ouvido de outra pessoa e a pessoa seguinte deveria repetir essa palavra e acrescentar mais uma; então a última pessoa falaria todas as palavras, formando uma frase. Fizemos umas quatro rodadas da brincadeira, sendo que em algumas utilizamos as palavras do quadro. Reparamos que na maioria das vezes as frases montadas envolviam sexo e eles sempre riam enquanto as palavras iam sendo passadas em segredo; alguns alunos demonstraram vergonha de dizer algumas das palavras que surgiam. Pareceu-nos também que aproveitavam o espaço para falar de coisas “proibidas”. Entretanto, nessa atividade, todos participaram com entusiasmo, até mesmo a menina que sempre era excluída pela turma.

O grupo 3 mostrou-se mais resistente a nos escutar e a escutar o que cada colega dizia, alguns alunos gritavam muito e outros ficavam conversando com o colega do lado. Quando perguntamos como era a relação entre eles na turma disseram que a turma se dava bem, que todos eram amigos, mas que sempre tem briga. Lembraram de algumas brigas históricas da escola e dizem que é bom ter briga por que assim eles têm do que falar. Comentaram também sobre uma menina da turma (9º ano) de quem todos tinham uma reclamação a fazer, dizendo que ela é muito irritante por sentar na frente e querer fazer tudo certinho para agradar aos professores. Levamos para eles as mesmas palavras citadas acima e, apesar do barulho, eles falaram bastante. Então pedimos a eles para montarem uma estória. Só dois meninos contribuíram para a estória que ficou mais ou menos assim: “João Marcelo estava na adolescência, assistia a uma aula que falava sobre a ditadura e não gostava; então mudou o tema da aula. Depois foi ver um jogo de futebol com seu amigo e eles acabaram tendo uma briga...”

Após concluírem a estória, não havendo muitos comentários a desenvolverem sobre ela, sugerimos que fizessem uma dramatização da mesma. Fizeram uma encenação em que não havia nenhum diálogo entre os personagens, apenas o contato físico da briga. Na cena, o professor tenta acabar com a briga e os dois começam a bater nele. Enfim o professor consegue chamar a inspetora, que é a única que fala alguma coisa na encenação, dizendo que eles deveriam parar de brigar senão iriam para a sala da diretora.

No grupo 4 começamos propondo que falassem um pouco da relação entre eles. Disseram que se irritam uns com os outros porque passam muito tempo juntos. Falaram também sobre como meninos e meninas se relacionam de maneiras diferentes. Um menino falou sobre como os meninos se relacionam entre si, quando encontram um amigo utilizam xingamentos; já as meninas se beijam, abraçam, se tratam carinhosamente. Uma das meninas explicou: “Os meninos quando se encontram batem nas costas do outro, se xingam, mas quando estão longe falam que o amigo é um parceirão. As meninas fazem o contrário, se encontram e se mostram muito amigas, falam que estão com saudades, elogiam, se beijam, mas quando estão longe chamam a menina de feia, ridícula”. Quando apresentamos as palavras, eles não quiseram falar muito delas, disseram apenas que não pensam nem falam sobre sexo. Em seguida, aderiram à tarefa proposta por nós. Cada um escolhia uma palavra e acrescentava uma frase, de modo que construíram a seguinte estória: “Era uma vez um menino que tinha uma namorada que curti funk. Aí eles estavam no baile funk e viram um menino cabeçudo. Os dois meninos começaram a brigar e o menino cabeçudo caiu, bateu a cabeça, teve uma hemorragia interna e morreu. Segunda feira, a menina estava numa aula chata e a professora perguntou como tinha sido o final de semana. Ela respondeu que não tinha sido muito bom. Começou outra aula que falava sobre a ditadura e ela estava se sentindo muito sozinha. Chegou alguém e matou todo mundo”. Durante todo o trabalho, notamos também

nesse grupo uma grande dificuldade dos alunos em ouvirem-se uns aos outros. Falavam todos ao mesmo tempo, muitas vezes sem se importarem se estariam sendo ouvidos ou não. Além disso, observamos que eles ficavam sempre muito juntos fisicamente. Juntavam as cadeiras, acariciavam-se, apoiavam os pés em cima de colegas, meninas sentavam no colo uma da outra, sempre havendo muito contato físico entre eles.

No segundo encontro com cada grupo, levamos algumas fotos que tinham relação com a escola e com algumas coisas que os alunos falaram sobre ela nos encontros anteriores. Nossa intenção era primeiramente que eles falassem um pouco sobre as fotos e depois, divididos em subgrupos, criassem uma cena com diálogos ou uma música em cima de uma foto escolhida por cada grupinho. As fotos consistiam em: 1)um professor brigando com um aluno na frente da turma toda, 2)um professor brigando com um aluno numa sala sozinho, 3)um dedo apontando para uma turma, 4)duas meninas na sala com os dedos levantados pedindo a palavra, 5)uma charge em que um professor/diretor coloca os alunos numa máquina que os transformava em carne moída - extraída do álbum "The Wall" de Pink Floyd 6)uma escola intitulada "feliz" com alunos felizes entrando nela, 7)alunos felizes na sala gritando "viva", 8)alunos em uma aula na sala de informática e um deles se preparando para jogar uma bolinha de papel na professora que está de costas para a turma.

No grupo 1, colocamos as fotos no chão, no meio da roda, mas, como eles não falaram muito espontaneamente sobre elas, pedimos logo para que criassem cenas a partir delas. Formaram-se subgrupos e cada um escolheu uma foto para trabalhar. Uma das cenas construídas foi o diálogo entre um professor e um aluno que não fez o dever pedido pelo professor. A partir da estória, falaram que isso acontece com frequência e fica uma situação muito chata na aula, porque ninguém fez o dever e algumas pessoas inventam desculpas. Uma aluna comentou: "Mas tem vezes que é verdade, então como o professor vai fazer para saber se é uma desculpa ou

algo que realmente aconteceu? Porque às vezes é verdade e o professor não acredita. É difícil saber, mas se o professor não fizer nada ele vai perder a moral”. Outra cena elaborada no grupo 1 tratava de dois alunos que estavam ouvindo música durante a aula e a professora pede para que eles desliguem o mp3. Comentaram que os alunos ouviam música porque a aula era chata e a professora também, já que não sabia dar aula. Um aluno disse: “Essa atitude de pegar o telefone é normal, não é legal, mas sempre acontece. Se não tivesse celular ou mp3 a escola seria pior do que já é...”. Discutimos então sobre os limites e acordos que são feitos na escola. Uma das regras lá é a proibição do uso de celulares em sala. Uma menina falou que, quando tem alguém ouvindo música, o professor, ao invés de pegar o celular e levar para a diretora, deveria conversar com o aluno e pedir que este desligasse a música. Outra aluna disse que achava difícil que eles desligassem o aparelho, já que muitas vezes os professores pedem e nem assim os alunos obedecem. Eles acharam interessante essa possibilidade de fazer acordos com os professores, mas uma menina falou “nunca fiz acordo nenhum aqui porque ninguém respeita e não ouve o que eu falo”. Nos comentários às estórias, esse grupo enfatizou que a bronca do professor nunca adianta nada e que o comportamento do professor é que deve mudar.

No grupo 2, a partir das estórias, acabamos tendo uma conversa muito interessante sobre respeito, sobre como ele está ou não presente na sala de aula e sobre o que seria um professor legal ou um professor chato. Um menino que nunca fala nada, disse, comentando a charge do Pink Floyd, que o diretor tira o direito dos alunos de serem diferentes e não os respeita, pois eles têm que usar uniforme, comer a mesma comida e às vezes são rebaixados. Um menino diz que todo mundo tem que ser igual e às vezes isso é meio chato. Perguntamos o que é um professor legal e eles dizem que é um professor calmo, diferente dos da foto: um professor que os deixe fazer perguntas e que responda a elas, que substitui uma avaliação por outra considerando a maior nota para eles não

repetirem, ou ainda, que sabe explicar a matéria. Um aluno gritou e disse que os alunos não dão valor ao professor porque sabem que as ameaças não vão ter consequências. Acha que, às vezes, o professor tem que ter atitude, tirar ponto, mandar para a diretora, aí sim o professor consegue ser valorizado e impor respeito. Esse grupo disse também que o professor tem direito de brigar sim, mas não de colocar o dedo na cara do aluno, senão seria igual antigamente quando tinha palmatória; e que nem o aluno pode fazer isso com o professor.

No segundo encontro com o grupo 3, aproveitando as observações anteriores em que constatamos um interesse grande do grupo sobre música, levamos as mesmas fotos e propusemos a eles que escolhessem uma ou duas fotos para fazer uma música. Escolheram a foto dos alunos felizes gritando “viva” e a charge do Pink Floyd. Ficaram um bom tempo ouvindo diferentes músicas através do celular para escolher qual seria o ritmo, acabaram escolhendo um funk e foram produzindo uma letra. Durante a produção um menino disse “Podemos falar que a escola não presta”. Depois de pronta, um dos alunos cantou a letra toda para a turma ouvir.

FUNK DA TURMA (n.º da turma)

Vou lançar pra tu

E preste bem atenção

É o bonde do XXXXX(nome da escola)

Que chegou pra confusão

A escola não presta

A escola não presta

A escola não presta

Nem nunca vai prestar

Pois estes professores

Ninguém nunca vai aturar

No grupo 4 começamos nossa atividade colocando as mesmas fotos no chão e eles logo repararam que todas as fotos

eram relacionadas à escola. Pedimos para que eles escolhessem umas duas fotos para fazer uma música, assim como a outra metade da turma (9º ano) tinha feito. Eles escolheram a que mostra uma escola feliz, a charge e a que tem o professor brigando com o aluno na frente da turma. Em seguida eles produziram uma música, também com ritmo de funk. A letra questiona se um dos que cantam quer estudar e a resposta é que não, porque um vício ( que disseram ser a internet) não deixa.

FUNK DO MLP (Morena, Loira e Preta)

“Posso falar? Vamos estudar!

Você você você você você você você quer estudar?

Vou não, quero não, posso não, meu vício não deixa não.

Eu vou pra casa

Eu vou pra casa

Eu vou pra casa estudar no meu livrão

Qui qui qui qui química!”

## DISCUSSÃO DE RESULTADOS

A partir da análise dos relatórios referentes ao trabalho de campo, elegemos alguns núcleos de sentido, ou categorias, extraídos do discurso produzido pelos adolescentes durante nossas conversações e constituídos a partir do método proposto por Bardin (1988). São eles: a dificuldade em ouvir/falar; o tema do respeito/desrespeito na relação com os professores e a escola; as tensões e o assunto “briga” nas relações entre os adolescentes na e com a escola.

Seguindo esses três eixos de análise, o que aparece de imediato na nossa experiência de campo são o próprio limite e a dificuldade de realizar a proposta da pesquisa através da conversação. Para além da palavra, a experiência da conversação com os adolescentes nos confronta com a presença do corpo, dos gritos e da dificuldade de falar e de ouvir o que está sendo dito. A palavra aparece principalmente como forma de

intimidar, calar o outro, assim todos falam ao mesmo tempo, anulando o que eles próprios estão dizendo e sem ouvir o que o outro está dizendo. Pudemos observar que o conteúdo do que era dito não é o mais importante. O que predomina é uma fala solta, sem autoria nem endereçamento, assim vão todos se atropelando pela fala. E, quando marcávamos isso, eles não se importam. No meio do barulho e das falas sobrepostas, quando algo importante era dito e nós conseguíamos ouvir, o tema não era explorado. Se alguém da nossa equipe pedisse para algum aluno repetir o que disse para os outros ouvirem, na maioria das vezes escapava, alegando que não tinha dito nada de importante. E, se alguém chegava a retomar sua fala, o assunto logo se perdia nas brincadeiras e na “falação”. Nesse sentido, durante o tempo em que tivemos contato com esses adolescentes, um dos pontos que nos chama a atenção é a dificuldade que eles têm de sustentar a própria palavra.

O segundo eixo destacado por nós diz respeito ao tema do respeito/desrespeito ao professor. O que fica marcante na fala dos alunos é que muitas vezes não se sentem respeitados enquanto sujeitos capazes de pensar e falar por si próprios. O bom professor é descrito por eles não como aquele que é permissivo com eles, mas como aquele que, até pela sua seriedade com o trabalho, demonstra respeito em relação a eles. É esse professor o que tem autoridade sobre eles e que é respeitado por eles. Pensamos que esse segundo eixo tem ligação com os dois outros e iremos explorar esse fato mais adiante.

Paralelamente, um terceiro eixo de destaque que nos chama a atenção são as agressões permanentes entre eles, tanto físicas quanto verbais. Parece-nos que uma relação tensa entre eles está sempre tão presente que já a encaram com naturalidade, como algo indispensável a suas vivências. Observamos assim um modo de abordagem violento e muito marcado pelo contato corporal nas relações entre eles, seja de modo erótico ou agressivo. Isso fica muito evidente também nas histórias criadas por eles, já que todas elas tinham ou



uma briga, uma discussão, e uma delas acabava com todos os personagens mortos no final. Essa tentativa de falar mais alto, de querer se sobrepor à fala do outro parece apontar para uma necessidade de afirmação de si pela anulação do outro, do diferente, que talvez represente uma ameaça.

Como pensar teoricamente sobre essas questões? Uma discussão sobre o “*bullying*” termo que aparece inclusive nas falas deles, sempre em um tom meio irônico, torna-se importante para nós.

### **PENSANDO SOBRE OS LAÇOS SOCIAIS ENTRE OS ADOLESCENTES NA ESCOLA: *BULLYING* OU MAL-ESTAR NAS RELAÇÕES ?**

A violência nas escolas é um tema muito discutido hoje em dia, tanto na mídia quanto no em discussões acadêmicas ou dentro da própria escola. Uma das formas de explicar certos episódios de violência na escola surgiu com o termo *bullying*, que vem da língua inglesa, derivado de *bully*, que tem muitos significados, como valentão, brigão, fanfarrão e tirano. O *bullying*, por definição, compreende todos os atos de violência física ou psicológica, atitudes agressivas, intencionais e repetidas, adotadas por um ou mais indivíduos contra outro indivíduo, normalmente mais fraco e incapaz de se defender, causando neste dor e angústia. Esse fenômeno tem sido observado tanto em escolas públicas quanto privadas, em crianças e adolescentes de todas as idades, além de estar sendo objeto de preocupação nas áreas da saúde e da educação como um problema a ser identificado e combatido.

Segundo Callegari e Pontes (2011) as crianças possuem maneiras de brincar que podem ser agressivas, mas quando a diversão não existe mais e a agressão é intencional e repetida, quando a criança começa a apresentar vontade de faltar na escola, todo dia chega angustiada em casa, a situação passou da brincadeira normal para um tipo de agressão mais específica. De forma semelhante, Neto (2005) apresenta a ideia de que o *bullying* pode ser classificado de duas maneiras: como direto,

no caso de apelidos, agressões físicas e roubos; ou como indireto, no caso de atitudes de indiferença, de isolamento e difamação. Esses autores observam que o primeiro tipo é mais comum entre os meninos, já o segundo pode ser observado com mais frequência entre as meninas. Segundo os autores citados, existe também outra forma de *bullying* chamada *cyberbullying*, que vem crescendo a cada dia e é caracterizada pelo uso de internet ou telefones celulares para enviar textos ou imagens com a intenção de difamar uma pessoa.

Para Neto (2005), Callegari e Pontes (2011), os *bullies* (agressores) normalmente podem ser considerados populares, aqueles que lideram grupos que os acompanham, que são admirados, mais fortes que as suas vítimas, hiperativos, tem dificuldade de atenção, são impulsivos e podem mostrar-se agressivos até mesmo com adultos. Já as vítimas de *bullying* são geralmente tímidas, fracas e frágeis, são pouco sociáveis, passivas, sofrem de ansiedade, possuem alguma diferença que costuma ser o motivo da agressão e são incapazes de se defender, não revelando o que acontece com elas, pois têm vergonha e medo de que nada seja feito e seu problema só piore. Há também as testemunhas, que não estão envolvidas diretamente nos atos de *bullying*, mas que costumam permanecer caladas e não entregam os *bullies*.

Diante de tantas definições, um enquadramento é criado e assim pais e professores começam a procurar maneiras de acabar com o *bullying*, de identificá-lo, tentando adaptar as pessoas para a manutenção de uma ordem. Para Antunes e Zuin (2008), que fazem uma análise mais crítica do fenômeno do *bullying*, o que acontece é uma espécie de ilusão por parte das pessoas de que seria possível exercer uma forma de controle sobre a violência ao nomeá-la. Porém, eles apontam que, ao classificarmos os fenômenos, eles tornam-se naturais e assim a raiz da sua existência fica de lado e os fatos não são questionados. O que ocorre é a prescrição do bom comportamento e de uma boa conduta moral. Fala-se em educação para a paz, mostrando como se deve agir em

determinadas situações e como se deve lidar com aquele que é diferente. Assim, as influências familiares, dos colegas, da escola, enfim, os problemas pessoais e sociais vividos por cada criança parecem não ser considerados. Segundo Antunes e Zuin (2008), a barbárie é a condição de existência da sociedade capitalista e a educação seria um caminho para a superação dessa barbárie. Para amainar essas práticas é necessário refletir a respeito da violência contida no processo civilizatório, e problematizá-la. O *bullying* então não seria uma simples manifestação da violência, ele se aproxima da questão do preconceito, principalmente quando se reflete sobre o que esta por trás da escolha dos grupos-alvo e quando pensamos em qual função psíquica a agressão tem para os agressores. Marcam ainda que, quando falamos em *bullying* ao invés de preconceito, esvazia-se toda a questão social, pois passa a ser somente um sintoma individualizado ou no mínimo isolado.

Pensando a partir dessa crítica ao *bullying*, parece-nos que a violência nas relações dentro da escola deve ser vista como expressão de conflitos sociais maiores. Para alguns autores como Tavares dos Santos (2001) a violência é um fenômeno social, que faz parte da construção da cidadania de cada indivíduo. Como sabemos, as relações sociais que são estabelecidas no espaço escolar são muito complexas, pois envolvem pessoas de diferentes raças, crenças e ideias. Porém, como apresenta o autor, os conflitos podem ser potencialmente criadores de laços sociais. Nesse enfoque, a escola seria um espaço para construção de cidadania a partir do reconhecimento das particularidades e necessidades dos jovens, contemplando o multiculturalismo da nossa sociedade. Entretanto, segundo ele, esse processo tem sido dificultado exatamente pela falência social de mecanismos reguladores dos conflitos e das diferenças, o que se faz presente também nas relações dentro escola marcadas pelo silêncio e pelo “enclausuramento do gesto e da palavra” (TAVARES DOS SANTOS, 2001).

De modo semelhante, para a psicanálise, o mal-estar na civilização nunca se extingue, apenas pode se transformar

e encontrar destinos diversos, já que a constituição do laço social é um processo dinâmico, que impõe perdas e renúncias em nome de um projeto ou ideal comum. Alguns autores, como Lebrun (2004), trabalham com o conceito de uma violência estrutural, fundamental, que está ligada a linguagem e nos define como humanos. É uma violência que nos arranca da ordem da necessidade e nos coloca no simbólico, impondo assim um limite à satisfação plena da pulsão que só é parcialmente acessível por aquilo que se faz nomear enquanto desejo. O simbólico ao mesmo tempo nos define e nos limita, a linguagem nos encaminha para uma direção ao apontar que nem tudo é possível. Em psicanálise, a palavra tem então valor de um operador fundamental na regulação da vida pulsional, bem como na possibilidade do viver coletivo, que implica no consentimento em renunciar a determinados prazeres em nome de um ideal social compartilhado encarnado em um projeto ou em alguém em carne e osso, que faz função de referência simbólica.

A partir dessa premissa, Lebrun (2004) retoma a noção freudiana de autoridade enquanto um poder que é concedido a alguém por meio de uma transferência amorosa (Freud, [1921]1976), fazendo uma diferenciação entre autoridade e autoritarismo. A autoridade é sustentada por um pacto, pelo simbólico, que reconhece as diferenças dos lugares, de modo que a palavra daquele que tem autoridade é reconhecida em seu valor a partir do lugar que ele ocupa. Já o autoritarismo se baseia em um poder imposto, não concedido. Entretanto, Lebrun (2004) observa que a autoridade legitimada na palavra está perdendo sua força e dando lugar a outra, que é legitimada pelos fatos enaltecidos pelo discurso hegemônico da racionalidade instrumental. Assim, professores e pais, sem legitimidade para sustentar sua autoridade, estão condenados à confrontação direta, sem serem protegidos pelo simbólico que asseguraria o reconhecimento da diferença dos lugares, sem o abuso do poder de um sobre o outro. É nesse contexto que podemos também pensar porque a educação das crianças

e adolescentes vem sendo deixada cada vez mais para a escola e para os especialistas. Os pais parecem cada vez mais querer evitar o conflito com seus filhos e a violência atual, embora não porte um endereçamento nem uma mensagem a priori parece ser uma resposta a nossa cultura, onde a violência estruturante não encontra lugar para se inscrever (COSTA-MOURA, 2003).

Portanto, tal como os adolescentes de nossa pesquisa revelam em suas falas, a autoridade dos professores vem claramente perdendo sua força, ao mesmo tempo em que a palavra e os pactos sociais se enfraquecem. Assim, são as relações sociais presentes no espaço da escola que nos ajudam a compreender a incidência da violência nesse cenário. A escola continua a ser reconhecida em seu potencial socializante, mas diante dos impasses nos mecanismos de regulação dos laços, ou seja, do declínio da palavra enquanto mediador para diálogos e pactos possíveis, a violência torna-se o recurso mais imediato.

Enfim, nossa experiência de campo nos faz pensar, à luz das contribuições teóricas das ciências sociais e da psicanálise, que o *bullying* pode ser tomado como um sintoma social que expressa o mal-estar atual nas relações sociais e, particularmente, no modo como o enfraquecimento nos mecanismos de regulação social se manifesta dentro da escola. Trata-se então de muito mais de um sintoma social que se encarna nas crianças e adolescentes do que algo que possa ser localizado especificamente em um indivíduo, que assume o lugar daquele que ameaça a sociedade. Ou como algo que irrompe como uma peste, do nada, nas nossas escolas do mundo inteiro, como vem sendo tratado pela mídia e pelo discurso médico/científico. Lemos nos manuais, como combater o *bullying*, mas vamos entrar também dentro desta lógica do combate ao outro? Do outro que nos ameaça constantemente em nossa integridade narcísica?

Nesse sentido, talvez a psicanálise possa nos ajudar a oferecer um contraponto a esse discurso, que vemos, por

exemplo, no best-seller *Mentes Perigosas* (SILVA, 2008) e em outros que visam oferecer parâmetros para os pais e educadores identificarem as possíveis vítimas do *bullying*. Não se trata de negar a importância de proteger as crianças e jovens, porém, arriscamos supor que, como num círculo vicioso, quanto mais os pais e educadores tratarem as situações de conflito dentro e fora da escola de forma patologizante e individualizante, recorrendo aos manuais e as receitas de uma educação bem sucedida, mais irão se ausentar da dimensão socializante da tarefa de educar e, assim, mais contribuirão para perpetuar a lógica individualista e competitiva hegemônica, bem como para o esvaziamento da palavra e dos pactos que sustentam a vida em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ABRAMO, H.W.; BRANCO, P.P.M. Retratos da Juventude Brasileira: Análises de uma pesquisa nacional. 1ª Edição. São Paulo: Instituto Cidadania/Ed. Fundação Perseu Abramo, 2005. 448 p.

ALBERTI, S. O Adolescente e o Outro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

AMARAL, M.(2006). Culturas juvenis X cultura escolar: repensando as noções de (in)disciplina e autoridade no âmbito da educação. Em: 6º col LEPSI / FE USP 2007. Disponível em [www.scielo.br](http://www.scielo.br)

ANTUNES, D. C.; ZUIN, A. A. S. Do *bullying* ao preconceito: os desafios da barbárie à educação. *Psicologia e Sociedade*. [online]. p. 33-41, vol. 20, no. 1, 2008.

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. Lisboa: Edições 70, 1988.

CALLEGARI, J.; PONTES, A. P. *Bullying*: o que é e como identificar. *Revista crescer*, 2011

CASTRO,L.R. Conhecer, transformar(-se) e aprender: pesquisando com crianças e jovens. In: CASTRO,L.R.; BESSET,V.L. Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

CASTRO,L.R.; BESSET,V.L. Pesquisa-intervenção na infância e juventude. Rio de Janeiro: Trarepa/FAPERJ, 2008.

COSTA-MOURA, R. Lá onde a palavra se desfaz, começa a violência. In: GRYNER, S. RIBEIRO, P. M.C. M.; OLIVEIRA, R.C. de. Lugar de palavra. Rio de Janeiro: Núcleo de Atenção à Violência (NAV), 2003.

COUTINHO, L. G. Adolescência, Cultura Contemporânea e Educação. *Estilos da Clínica*, São Paulo, v. 14, n. 27, p. 134-149. dez 2009.

FREUD, S. (1914) Algumas reflexões sobre a psicologia do escolar. Obras Completas de Sigmund Freud, ESB, volume XIII, Rio de Janeiro: Imago, 1974.

\_\_\_\_\_(1921). Psicologia de grupo e análise do ego. Obras Completas de Sigmund Freud, ESB, volume XVIII, Rio de Janeiro, Imago, 1976.

GATTI, B. Grupo focal na pesquisa em Ciências Sociais e Humanas. Brasília: Líber Livro, 2005.

GAVARINI, L. Como os adolescentes das periferias (se) falam? Jogos na forma de se endereçar aos pesquisadores. *Estilos da clínica*, São Paulo, v. 14 n. 27, p. 48-81, dez. 2009.

KUPFER, M. C. Freud e a Educação: o mestre do impossível. São Paulo: Scipione, 1995.

LACADÉE, P. De la norme de la conservation au détail de la conversation. In: LACADÉE, P. & MONNIER, F. (orgs). *Le Pari de La Conversation*. Institut Du Champ Freudien: CIEN (Centre Interdisciplinaire sur l'Enfant), Paris, 1999/2000. (mimeo).

LAURENT, E. CIEN, Instituto del campo freudiano. In: Cuadernos do Cien, n.5, nov.2004. Buenos Aires: CIEN; Instituto del campo freudiano; Centro de investigaciones del ICBA.

LEBRUN, J. P. A mutação do laço social e seus efeitos sobre a subjetividade. Seminário de agosto 2004. Círculo Psicanalítico. Rio de Janeiro. 2004. (mimeo)

MELLO, E.D. O espaço público na passagem adolescente. Em: *Adolescência: um problema de fronteiras*. Comissão de Aperiódicos da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (org.), APPOA (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), 2004.

MILLER, J. *La Pareja y el Amor: conversaciones clinicas en Barcelona*. Barcelona: Eólia, 2003.

NETO, A. *Bullying* – comportamento agressivo entre estudantes.

Jornal de Pediatria - V. 81, n 5 (supl), 2005.

TAVARES DOS SANTOS, J. V. A violência na escola: conflitualidade social e ações civilizatórias. *Educação e Pesquisa*, v. 27, n.1, p.105-122, jan./jun,2001.

SANTIAGO, A. L. O mal-estar na educação e a Conversação como metodologia de pesquisa: intervenção em Psicanálise e Educação. In: CASTRO, L. R; BESSET, V. L. (orgs) Pesquisa-Intervenção na Infância e Juventude. Rio de Janeiro: Nau editora, 2008. p.113-131.

SILVA, A.B.B. Mentres perigosas: o psicopata mora ao lado. São Paulo: Fontanar, 2008.

**Data de recebimento:** agosto de 2012

**Data de aceite:** fevereiro de 2014